

TRANS VERSO

09 Ilegibilidade como linguagem visual: recorrências formais em logotipos de heavy metal

recebido em 17/05/2026
aprovado em 17/06/2026

Ilegibilidade como linguagem visual: recorrências formais em logotipos de heavy metal

Larissa Garcia Johansen

larissa.johansen@unesp.br

UNESP

Gustavo Lassala Silva

gustavo.lassala@unesp.br

UNESP

RESUMO (PT): Este estudo identifica características formais recorrentes em logotipos ilegíveis de bandas de heavy metal e discute como essas recorrências podem indicar a consolidação de uma linguagem visual de identificação subcultural. A pesquisa combina revisão bibliográfica e análise visual de 20 logotipos produzidos entre 1985 e 2021, selecionados na Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives. Foram examinados sete atributos formais, destacando-se as arestas pontiagudas, presentes em 19 exemplares, o enraizamento, identificado em 14, e o alongamento das extremidades, observado em 11 casos. Os resultados indicam que a ilegibilidade não corresponde à repetição de uma fórmula única, mas à consolidação de um repertório visual compartilhado, formado por combinações variadas de atributos recorrentes e capaz de articular reconhecimento e diferenciação na subcultura.

Palavras-chave: logotipo, ilegibilidade, heavy metal, dissenso, linguagem visual.

ABSTRACT (ENG): This study identifies recurring formal characteristics in illegible heavy metal band logos and discusses how these recurrences may indicate the consolidation of a visual language of subcultural identification. The research combines a literature review with the visual analysis of 20 logos produced between 1985 and 2021, selected from Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives. Seven formal attributes were examined, especially pointed edges, present in 19 examples, rooting, identified in 14, and extension of extremities, observed in 11 cases. The results indicate that illegibility does not correspond to the repetition of a single formula, but to the consolidation of a shared visual repertoire, formed by varied combinations of recurring attributes and capable of articulating recognition and differentiation within the subculture.

Keywords: logotype, illegibility, heavy metal, dissensus, visual language.

1. Introdução

O campo de estudos sobre design e cultura visual no heavy metal tem se consolidado por meio de investigações que abordam os logotipos de bandas e artistas não apenas como elementos gráficos, mas como formas de comunicação simbólica que carregam significados culturais, históricos e identitários, agindo de forma interdisciplinar ao articular design, comunicação, musicologia e sociologia em um campo vernacular, assim como descrito nos trabalhos de Rijken *et al.* (2021), Alexandre (2017) e Palacios (2024) que convergem ao demonstrar, por diferentes vias, como a ilegibilidade presente nesses logotipos opera como signo de distinção, reforçando a autenticidade das bandas e a reconhecibilidade de suas marcas por meio de um sistema semiótico próprio.

Embora estudos anteriores tenham identificado características tipográficas, comunicacionais e culturais dos logotipos de heavy metal, ainda são pouco discutidas as recorrências formais associadas à consolidação da ilegibilidade como linguagem visual compartilhada. Permanece necessário compreender como diferentes soluções gráficas, produzidas em períodos e contextos distintos, passam a constituir um repertório reconhecível, capaz de articular diferenciação estética e pertencimento subcultural.

Diante desse contexto, formula-se a seguinte questão de pesquisa: quais características formais se repetem em logotipos ilegíveis de bandas de heavy metal e de que modo essas recorrências podem indicar a consolidação de uma linguagem visual de identificação subcultural?

Neste estudo, o termo cristalização é utilizado para designar o processo pelo qual determinadas soluções visuais, inicialmente percebidas como desvios em relação às convenções dominantes, passam a ser reiteradas, reconhecidas e incorporadas a um repertório compartilhado. No contexto dos logotipos de heavy metal, essa cristalização não implica uniformidade formal, mas a consolidação da ilegibilidade como uma convenção interna capaz de produzir reconhecimento e pertencimento dentro da subcultura.

O objetivo deste estudo é identificar e analisar características formais recorrentes em logotipos ilegíveis de bandas de heavy metal produzidos em diferentes períodos, discutindo de que modo essas recorrências podem indicar a consolidação da ilegibilidade como linguagem visual de identificação subcultural. Como objetivos específicos, busca-se delimitar os conceitos de logotipo, letreiramento e legibilidade; sistematizar atributos formais observáveis nos exemplares selecionados; verificar sua incidência no corpus; e discutir as recorrências identificadas à luz dos conceitos de consenso e dissenso.

A contribuição do estudo está na sistematização de um conjunto de características formais presentes nesses logotipos e na articulação entre sua recorrência visual, a construção de pertencimento subcultural e os conceitos de consenso e dissenso. Em vez de compreender a ilegibilidade apenas como falha comunicacional, a pesquisa a examina como recurso de diferenciação e reconhecimento interno. Para fundamentar essa discussão, a seção seguinte apresenta os conceitos de logotipo, letreiramento, legibilidade e linguagem visual que orientam a análise.

2. Logotipo, letreiramento e legibilidade

Lupton (2010) compreende o logotipo como uma representação visual do nome de uma organização, elaborada de modo a torná-lo reconhecível e distinto. Sua configuração pode utilizar caracteres provenientes de fontes existentes, modificações desses caracteres ou letras desenhadas especificamente para determinada identidade. Strunck (2007) observa que os logotipos podem ser construídos com letras preexistentes ou personalizadas e podem, ou não, estar associados a um símbolo. Neste estudo, portanto, o logotipo é compreendido como a configuração visual do nome de uma banda, independentemente do processo empregado na obtenção das letras.

A avaliação de um logotipo depende de sua função, de seu contexto de circulação e do público ao qual se dirige. Critérios convencionais do design de identidades visuais frequentemente valorizam clareza, equilíbrio, reconhecimento e adequação entre forma e conteúdo. Strunck (2007), por exemplo, menciona problemas como excesso de elementos, desequilíbrio visual, espaçamentos inadequados e dificuldades de leitura. Essas características, entretanto, não constituem falhas universais. Em determinados contextos culturais, recursos que dificultam o reconhecimento das letras podem adquirir funções expressivas e identitárias distintas da comunicação imediata com um público amplo.

Para tratar dessas configurações com maior precisão, é necessário delimitar alguns termos do campo da tipografia. Farias (2004) define tipografia, em sentido amplo, como o conjunto de práticas e processos envolvidos na criação e na utilização de símbolos visíveis relacionados aos caracteres ortográficos e paraortográficos para fins de reprodução. Essa definição abrange tanto o design de tipos, voltado à criação de conjuntos sistemáticos de caracteres, quanto o design com tipos, relacionado à utilização desses conjuntos em composições visuais.

No âmbito do design com tipos, Farias (2004) distingue a tipografia, enquanto processo mecânico ou automatizado de obtenção de caracteres regulares e repetíveis, da caligrafia e do letreiramento. A caligrafia corresponde à produção manual de letras únicas por meio de traçados contínuos, enquanto o letreiramento se refere à obtenção de letras únicas a partir do desenho. A autora também define fonte como um conjunto de caracteres em determinado estilo e, em sentido mais estrito, como um conjunto implementado com desenhos, métricas e espaçamentos próprios. Desse modo, tipografia, fonte, caligrafia e letreiramento designam aspectos e processos distintos, embora possam se relacionar em uma mesma composição gráfica.

No caso dos logotipos de heavy metal, nem sempre é possível determinar o processo técnico utilizado em sua criação apenas pela observação das formas finais. Muitos exemplares, contudo, apresentam letras construídas ou intensamente modificadas para uma composição específica, aproximando-se do que Farias (2004) define como letreiramento. Essas alterações incluem alongamentos, sobreposições, ramificações, distorções e inserções de elementos gráficos que dificultam o reconhecimento imediato dos caracteres. Por essa razão, neste artigo, utiliza-se preferencialmente o termo letreiramento para designar as configurações particulares dos nomes das bandas, reservando-se tipografia para referências mais amplas ao campo de estudo e às práticas relacionadas à linguagem escrita.

Também é necessário diferenciar legibilidade e leiturabilidade. Tracy (1986) considera a legibilidade uma característica relacionada à possibilidade de distinguir e reconhecer letras e caracteres, enquanto a leiturabilidade diz

respeito à facilidade e ao conforto proporcionados pela leitura contínua de uma composição textual. Embora relacionadas, essas propriedades não são equivalentes: uma letra pode ser identificável isoladamente, mas sua organização em palavras e textos pode dificultar a continuidade da leitura.

Como os objetos examinados neste estudo são logotipos compostos predominantemente por nomes de bandas, e não por blocos extensos de texto, a análise concentra-se principalmente na legibilidade, entendida como possibilidade de reconhecimento dos caracteres e da configuração verbal. A leiturabilidade possui menor centralidade neste caso, pois envolve condições de leitura contínua mais diretamente relacionadas a palavras, linhas e textos organizados em sequência.

A ilegibilidade, portanto, não é compreendida apenas como ausência de clareza ou deficiência técnica. Nos logotipos de heavy metal, a dificuldade de reconhecimento dos caracteres pode funcionar como recurso expressivo, deslocando a prioridade da identificação textual imediata para a percepção da configuração gráfica como um todo. Conforme Willen e Strals (2009), a interpretação das letras depende de sua função, do suporte, dos meios de reprodução, do público e do contexto cultural em que circulam. Assim, formas de baixa legibilidade podem adquirir significados específicos quando compartilhadas e reconhecidas por integrantes de uma subcultura.

Essa perspectiva não significa que todo logotipo de baixa legibilidade seja necessariamente bem resolvido, nem que a ilegibilidade produza automaticamente reconhecimento ou pertencimento. Sua função depende do contexto de circulação, da recorrência das soluções formais e da familiaridade do público com os códigos empregados. A seção seguinte situa essas escolhas visuais no processo histórico de formação e fragmentação do heavy metal, relacionando-as à construção de identidades subculturais e aos conceitos de consenso e dissenso.

3. Heavy metal, identidade visual e dissenso

Weinstein (2000, p. 5) observa que o heavy metal não possui uma definição única, constituindo-se pela articulação de diferentes elementos culturais. Surgido entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, sobretudo no Reino Unido e nos Estados Unidos, o gênero passou por processos sucessivos de expansão e fragmentação, dando origem a diferentes subgêneros, cenas e comunidades. Cada uma dessas formações desenvolveu códigos sonoros, comportamentais e visuais próprios, por meio dos quais seus participantes constroem identificação e pertencimento.

Nesse contexto, a baixa legibilidade dos logotipos não deve ser compreendida apenas segundo critérios gerais de clareza ou eficiência comunicacional. Como discutido na seção anterior, a função de uma configuração gráfica depende de seu público, de seu contexto de circulação e dos códigos que mobiliza. Nos logotipos associados ao metal extremo, a dificuldade de reconhecimento dos caracteres pode funcionar como recurso de diferenciação, favorecendo o reconhecimento por públicos

familiarizados com esse repertório visual. A ilegibilidade passa, assim, a operar como uma convenção interna da subcultura, ao mesmo tempo que mantém distância em relação aos parâmetros de comunicação dirigidos a um público amplo.

Weinstein (2000) descreve o desenvolvimento do heavy metal por meio de processos de formação, cristalização e fragmentação. Após a consolidação inicial de seus códigos musicais e culturais, o gênero não permaneceu limitado à reprodução de uma forma única, mas se desdobrou em subgêneros e microgêneros como *black metal*, *death metal*, *thrash metal*, *speed metal*, *nu metal* e *grindcore*. Essa fragmentação produziu novas combinações sonoras e visuais, permitindo que diferentes grupos construíssem identidades próprias sem abandonar completamente referências compartilhadas pelo heavy metal.

O que todas as novas bandas compartilhavam era uma sensibilidade geral para o heavy metal, juntamente com uma jovialidade e uma forte ênfase em elementos visuais. Embora muitas das novas bandas dessem continuidade à tradição estabelecida do heavy metal, algumas tendiam a criar nichos especializados dentro do gênero. (Weinstein, 2000, p. 44, tradução nossa)¹

A compreensão do heavy metal como subcultura permite observar que sua organização não se restringe à apreciação musical. Ela envolve práticas, comportamentos, formas de circulação e códigos visuais compartilhados pelos participantes. A fragmentação em subgêneros não elimina a existência de referências comuns, mas produz diferentes formas de apropriação desses códigos. Nesse processo, elementos gráficos como logotipos, capas, cartazes, fanzines e vestimentas participam da construção de identidades coletivas e da diferenciação entre os diversos grupos que compõem a cena.

A consolidação dos logotipos como elementos de identificação das bandas ocorreu paralelamente à expansão e à fragmentação do gênero. Alexandre (2017) observa que, entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, esses elementos passaram a circular de maneira mais ampla em discos, materiais promocionais e outros suportes vinculados às bandas. Com o surgimento de novos subgêneros, a experimentação não se limitou à sonoridade, alcançando também logotipos, capas, cartazes, fanzines e vestimentas. Desse modo, as soluções gráficas passaram a participar tanto da identificação de cada banda quanto de sua vinculação a determinados repertórios culturais e musicais.

Estudos anteriores já identificaram a existência de padrões visuais associados a diferentes subgêneros do heavy metal. Alexandre (2017) demonstra que os logotipos mobilizam características recorrentes capazes de participar da identificação de estilos e cenas específicas. Rijken *et al.* (2021), por meio do estudo *Illegible Semantics: Exploring the Design Space of Metal Logos* e da ferramenta MetalVis, sistematizam atributos formais presentes em logotipos de diferentes subgêneros, evidenciando que esses elementos funcionam como códigos visuais reconhecíveis.

Esses estudos indicam que a ilegibilidade não ocorre de forma isolada, mas integra um repertório visual mais amplo, composto por escolhas formais que variam entre os subgêneros. Enquanto alguns estilos preservam maior reconhecimento dos caracteres, outros ampliam distorções, ramificações, sobreposições e densidade gráfica. Essa diversidade contribui para diferenciar os nichos internos do heavy metal, ao mesmo tempo que mantém referências compartilhadas capazes de situar os logotipos dentro de uma mesma cultura visual.

1 “What all the new bands did share was a general heavy metal sensibility, along with youthfulness and a strong emphasis on visual elements. While many of the new bands continued the established heavy metal tradition, some tended to create specialized niches within the genre.”

Esses estudos indicam que a ilegibilidade não ocorre de forma isolada, mas integra um repertório visual mais amplo, composto por escolhas formais que variam entre os subgêneros. Enquanto alguns estilos preservam maior reconhecimento dos caracteres, outros ampliam distorções, ramificações, sobreposições e densidade gráfica. Essa diversidade contribui para diferenciar os nichos internos do heavy metal, ao mesmo tempo que mantém referências compartilhadas capazes de situar os logotipos dentro de uma mesma cultura visual.



Figura 1: Logotipos em vários estilos representativos de um subconjunto de subgêneros de metal. Fonte: *Illegible Semantics: Exploring the Design Space of Metal Logos*.

2 “typography that swirls like branches, drips like blood, and clings like spider webs.”

Num contexto musical, a década de 70 é marcada pelo nascimento do chamado *proto-metal*, um gênero musical ainda muito próximo ao rock n’ roll e ao blues, cuja estética ainda não possuía uma padronização clara, utilizando elementos gráficos que ainda demonstram a influência dos anos 60 e dos movimentos de contracultura da época. Ao se aproximar da década de 80, possivelmente por um reflexo do amadurecimento da identidade sonora e da cena cultural que se expandia com o surgimento de novas bandas e obras circulando nas subculturas, acentua-se um movimento de diferenciação e autenticidade visual, trazendo à tona dezenas de discos e fitas contendo novos designs, logotipos e identidades visuais, profissionais e amadoras. Além disso, traz certa evidência às diferenças estéticas presentes em cada subgênero, nas quais diferentes logotipos passam a apresentar características gráficas distintas para se comunicarem com seus públicos, posicionando-se em diferentes locais dentro do mapa dos subgêneros e microgêneros ao fazer uso de artifícios definidos pela revista *Wired* como “tipografia que serpenteia como galhos, escorre como sangue e se agarra como teias de aranha” (Stinson, 2015, tradução nossa)².

[...] os logos no metal são frequentemente tão específicos em suas características que podem indicar a um observador entendido qual o subgênero pertencente. Nesse sentido, eles carregam mais informação do que apenas o conteúdo linguístico. É quase um código visual. (Rampton, 2018, tradução nossa)³.

A fim de ilustrar a ilegibilidade enquanto fator estético em logotipos de metal, analisam-se dois logotipos relevantes para a consolidação estética do gênero: os das bandas *Mayhem* (1984) e *Darkthrone* (1987) (**Figura 2**), apresentados a seguir. Embora não tenha sido o primeiro caso de logotipo de metal com baixa legibilidade, o logotipo de *Mayhem* pode ser descrito como um dos mais reconhecidos até então, apresentando um equilíbrio entre ilegibilidade, estilização, utilização de símbolos e simetria, fazendo com que sua falta de legibilidade seja superada por seu apelo visual, se tornando um logotipo facilmente reconhecível, assim como o logotipo de *Darkthrone*, apresentado em *Cromlech*, quarta demo da banda norueguesa lançada em 1989, que reúne em si as principais características abordadas neste estudo, não deixando dúvidas do porquê o cenário do heavy metal o considera como sendo uma das primeiras marcas ilegíveis deste gênero. Sua construção é complexa e a utilização de um letreiramento em que o logotipo e símbolo do pentagrama invertido se perdem quase totalmente no meio das “ranhuras” orgânicas que se assemelham a raios, galhos ou raízes de uma árvore com um equilíbrio dinâmico que também toma uma versão mais orgânica, dando um efeito quase visceral à marca.

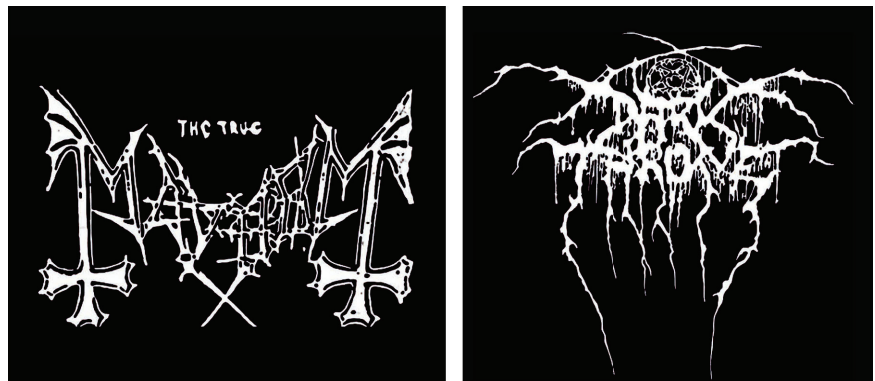


Figura 2: Logotipo da banda *Mayhem* (esquerda) e logotipo da banda *Darkthrone* (direita).
Fonte: adaptado pelos autores de Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives, 2025.

3 “[...] logos in metal are often specific enough in their characteristics that they can tell the educated reader what subgenre is involved. In that sense they carry more information than merely the linguistic content. It’s almost a visual code.”

Mesmo anos após a consolidação estética de bandas como *Mayhem* e *Darkthrone*, torna-se notável o peso da influência que essas bandas tiveram no cenário do heavy metal como um todo, se popularizando em diferentes níveis em cada um dos subgêneros provenientes do metal de 1980, porém ocupando espaços diversos até os dias atuais, assim como visto no pôster produzido para divulgar o festival *Bay Area Deathfest 2* (Figura 3), que se popularizou especialmente em fóruns sobre design e sobre música. De acordo com o portal *Metal Centre*, o evento aconteceu nos dias 10 e 11 de julho de 2015 em Oakland, Estados Unidos e reuniu bandas dos gêneros *death metal*, *deathcore* e *grind* ao longo dos dois dias de evento. O fator contribuinte para a repercussão da imagem promocional em fóruns foi, possivelmente, a similaridade entre as 31 bandas presentes na imagem, gerando repercussões negativas após causar confusão entre indivíduos fora do público-alvo.

Ampliando essa análise para além dos usos convencionais dos logotipos analisados, observa-se o registro humorístico que aborda a falta da legibilidade de forma satírica: Em uma imagem humorística da internet (**Figura 3**), ao assemelhar um logotipo de banda de heavy metal a um CAPTCHA (Completely Automated Public Turing test to tell Computers and Humans Apart ou teste de Turing público completamente automatizado para diferenciação entre computadores e humanos), o tom humorístico da piada surge ao perceber que o teste, cuja finalidade era a de ser relativamente simples para um ser humano torna praticamente impossível. A repetição também possui um papel crucial na estrutura do meme, visto que os CAPTCHAS, embora diferentes, são muitas vezes parecidos e padronizados, tais quais os logotipos citados anteriormente. Essa associação humorística pode ser interpretada como um forte indicativo da acentuação desta característica como um fator comum de identificação, trazendo a atenção não apenas às suas aparências disruptivas, mas também à quantidade de demais logotipos que também fazem o uso dessas características.



Figura 3: Cartaz do festival Bay Area Deathfest 2 (esquerda) e imagem humorística Heavy Metal Captchas (direita). Fonte: adaptado pelos autores de Metal Centre, 2015; Pinterest, s.d.

A recorrência dessas características produz um repertório reconhecível dentro da subcultura, mas também estabelece uma tensão com convenções externas que privilegiam a leitura imediata e a transparência comunicacional. Para discutir essa passagem entre ruptura e convenção, o estudo recorre aos conceitos de partilha do sensível, consenso e dissenso desenvolvidos por Jacques Rancière. Em *A partilha do sensível: estética e política*, Rancière (2005) compreende o sensível como um sistema de divisões que determina o que pode ser visto, dito, reconhecido e compartilhado em determinado contexto social.

Denomino a partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Rancière, 2005, p. 15).

Outro conceito relevante é o de regime estético das artes, entendido por Rancière (2005) como uma forma de organização do sensível que redefine o que pode ser reconhecido como arte, suas práticas e seus modos de percepção. Nesse sentido, um regime estético não corresponde apenas a um estilo visual, mas a uma determinada configuração do que se torna visível, legítimo e compartilhável.

Aplicado ao objeto deste estudo, esse conceito permite compreender que os logotipos de heavy metal não operam apenas por suas formas isoladas, mas também pelos critérios que regulam seu reconhecimento dentro e fora da subcultura. Enquanto parâmetros convencionais de comunicação visual tendem a privilegiar identificação imediata e clareza, determinados segmentos do metal valorizam configurações de baixa legibilidade como parte de um repertório visual reconhecível. A tensão não está, portanto, apenas entre legibilidade e ilegibilidade, mas entre diferentes modos de organizar e atribuir valor às formas gráficas.

Em *Dissenso: sobre política e estética*, Rancière (2010) distingue consenso e dissenso como formas distintas de organização do sensível. O consenso não se limita ao acordo entre indivíduos, mas corresponde à naturalização de uma determinada ordem, na qual lugares, funções e possibilidades de reconhecimento parecem previamente definidos. O dissenso, por sua vez, interrompe essa organização ao tornar visíveis formas, sujeitos ou relações que não encontravam lugar na configuração anterior.

No contexto desta pesquisa, a ilegibilidade pode ser interpretada inicialmente como um gesto de dissenso em relação às convenções gráficas que associam o logotipo à identificação imediata do nome. Ao se repetir e se tornar reconhecível dentro da subcultura, porém, essa mesma solução passa a integrar um consenso interno. Essa passagem da ruptura à convenção constitui o ponto central da análise desenvolvida no artigo.

Os conceitos de consenso e dissenso permitem, assim, compreender a ilegibilidade como um recurso cuja função se transforma ao longo de sua circulação. Inicialmente associada à ruptura com convenções externas de legibilidade, ela pode se consolidar como linguagem visual compartilhada no interior da subcultura. Isso não significa que toda forma ilegível continue produzindo dissenso, mas que ela preserva a referência a uma ruptura anterior, mesmo quando passa a operar como convenção interna.

A partir desse referencial, a análise procura identificar quais características formais se repetem nos logotipos selecionados e em que medida essa recorrência pode indicar a consolidação de um repertório visual compartilhado.

4. Procedimentos metodológicos e corpus de análise

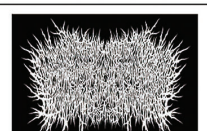
Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, caráter exploratório e procedimento documental, combinando revisão bibliográfica e análise visual de logotipos de bandas de heavy metal. A unidade de análise corresponde à configuração gráfica do nome da banda, observada isoladamente de capas, cartazes e demais elementos de identidade visual, de modo a concentrar a investigação nas características formais do letreiramento.

O corpus é composto por 20 logotipos coletados na *Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives*, enciclopédia colaborativa especializada em bandas de metal. A seleção foi organizada cronologicamente, contemplando exemplares produzidos entre 1985 e 2021, com o objetivo de observar recorrências e transformações formais ao longo do período. Foram incluídos logotipos associados a registros como álbuns, EPs, demos, splits e singles, sem restrição de país ou subgênero.

A amostra é intencional e não pretende representar estatisticamente a totalidade dos logotipos de heavy metal. Os exemplares foram selecionados por apresentarem redução evidente da legibilidade e por permitirem a identificação de diferentes soluções formais relacionadas à construção da ilegibilidade. A diversidade cronológica, geográfica e estilística foi mantida para observar se determinadas características aparecem em contextos distintos.

A análise foi realizada em duas etapas. Na primeira, os logotipos foram dispostos cronologicamente e examinados de maneira exploratória, buscando identificar características formais recorrentes. Na segunda, essas características foram sistematizadas em categorias e aplicadas novamente aos 20 exemplares, registrando-se a presença ou ausência de cada atributo.

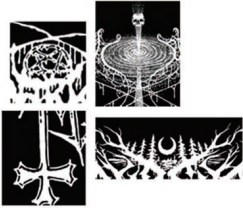
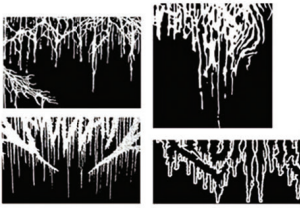
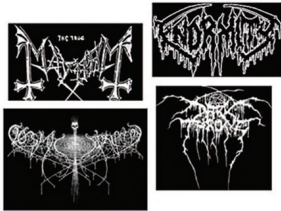
As categorias foram construídas a partir da articulação entre a literatura sobre logotipos de heavy metal, especialmente Alexandre (2017) e Rijken *et al.* (2021), e a observação exploratória do corpus. A classificação concentrou-se em atributos diretamente observáveis na configuração gráfica, sem inferir o processo técnico de criação ou a intenção dos autores dos logotipos.

Insanity (1985)	Mayhem (1986)	Hellsaw (1987)	Witchhammer (1988)	Enormity (1990)
				
Darkthrone (1992)	Damnatory (1993)	Accursed (1995)	Arcano Arconte (1999)	Bloodbath (2000)
				
Korgonthurus (2001)	SorrowStorm (2004)	Prosanctus Inferi (2009)	Eximperitus (2011)	Blood Incantation (2013)
				
Triumvir Foul (2014)	Xavleg (2016)	Sanguissugabogg (2019)	Cosmic Putrefaction (2019)	Lorna Shore (2021)
				

Quadro 1: Logotipos analisados. Fonte: elaborado pelos autores.

Para tornar a classificação verificável, as categorias foram definidas operacionalmente a partir de atributos diretamente observáveis nos logotipos. A categoria símbolos ou ilustrações corresponde à presença de elementos gráficos adicionais que não pertencem diretamente à estrutura das letras, como cruzes, pentagramas ou outras imagens incorporadas ao logotipo. O contorno refere-se à existência de uma linha externa contínua ou parcialmente contínua que delimita a configuração geral do letreiramento. O espelhamento ou simetria diz respeito à organização aproximada dos elementos em torno de um eixo central, produzindo correspondência entre os lados esquerdo e direito. As arestas pontiagudas ou espinhos compreendem terminações agudas, projeções ou prolongamentos com aparência pontiaguda distribuídos nas letras ou na configuração global. O enraizamento caracteriza-se pela presença de traços que se ramificam ou subdividem, formando estruturas semelhantes a raízes, galhos, veios ou teias. O gotejamento ou viscosidade corresponde a prolongamentos predominantemente descendentes que sugerem escorrimento, derretimento, fluidez ou ação gravitacional. Por fim, o alongamento das extremidades refere-se à extensão acentuada das partes laterais, superiores ou inferiores da configuração, ultrapassando os limites esperados das letras e alterando a silhueta geral do logotipo.

Com base nesses atributos recorrentes, propõe-se uma sistematização analítica apresentada no **Quadro 2**, organizada como uma taxonomia de características formais do letreiramento, incluindo aspectos como alongamento das extremidades, viscosidade, enraizamento, presença de arestas, simetria e contorno. Esse conjunto de fatores permite identificar padrões visuais compartilhados entre os logotipos e sustenta a análise comparativa desenvolvida a seguir.

Símbolos ou ilustrações	Alongamento das extremidades	Gotejamento ou viscosidade	Enraizamento
			
Arestas pontiagudas ou espinhos	Espelamento ou simetria	Contorno	
			

Quadro 2: Características analisadas. Fonte: elaborado pelos autores.

Cada logotipo foi examinado individualmente, registrando-se a presença ou a ausência dos sete atributos definidos. Um mesmo exemplar poderia apresentar simultaneamente mais de uma categoria. Posteriormente, as ocorrências foram contabilizadas para permitir a comparação da incidência das características no corpus. A classificação inicial foi realizada pela primeira autora e posteriormente revisada pelo segundo autor. Eventuais divergências foram discutidas até a obtenção de consenso entre os pesquisadores.

5. Resultados e discussão

A disposição cronológica dos 20 logotipos evidencia que as características associadas à baixa legibilidade aparecem ao longo de todo o período analisado, entre 1985 e 2021. Embora as configurações apresentem diferenças formais, observa-se a recorrência de atributos como arestas pontiagudas, ramificações, gotejamento, alongamentos e organização simétrica. A permanência desses recursos em exemplares produzidos em décadas distintas indica a consolidação de um repertório visual compartilhado, e não a reprodução de uma única fórmula gráfica.

Essa recorrência pode ser interpretada à luz dos conceitos de consenso e dissenso. A redução da legibilidade representa um afastamento das convenções que associam o logotipo à identificação imediata do nome. Entretanto, à medida que determinadas soluções passam a ser reiteradas e reconhecidas dentro da subcultura, elas deixam de operar exclusivamente como ruptura e passam a integrar um consenso visual interno. Os dados não permitem afirmar que cada novo logotipo ilegível produza um novo dissenso, mas indicam que essas configurações preservam a referência a uma ruptura anterior ao mesmo tempo que funcionam como convenções de identificação.

A Figura 4 apresenta os exemplares em ordem cronológica, permitindo visualizar a permanência e a recombinação dessas características ao longo do período analisado. A sequência não demonstra uma evolução linear entre os logotipos, mas evidencia que soluções semelhantes reaparecem em momentos distintos, contribuindo para a formação de um repertório visual reconhecível.

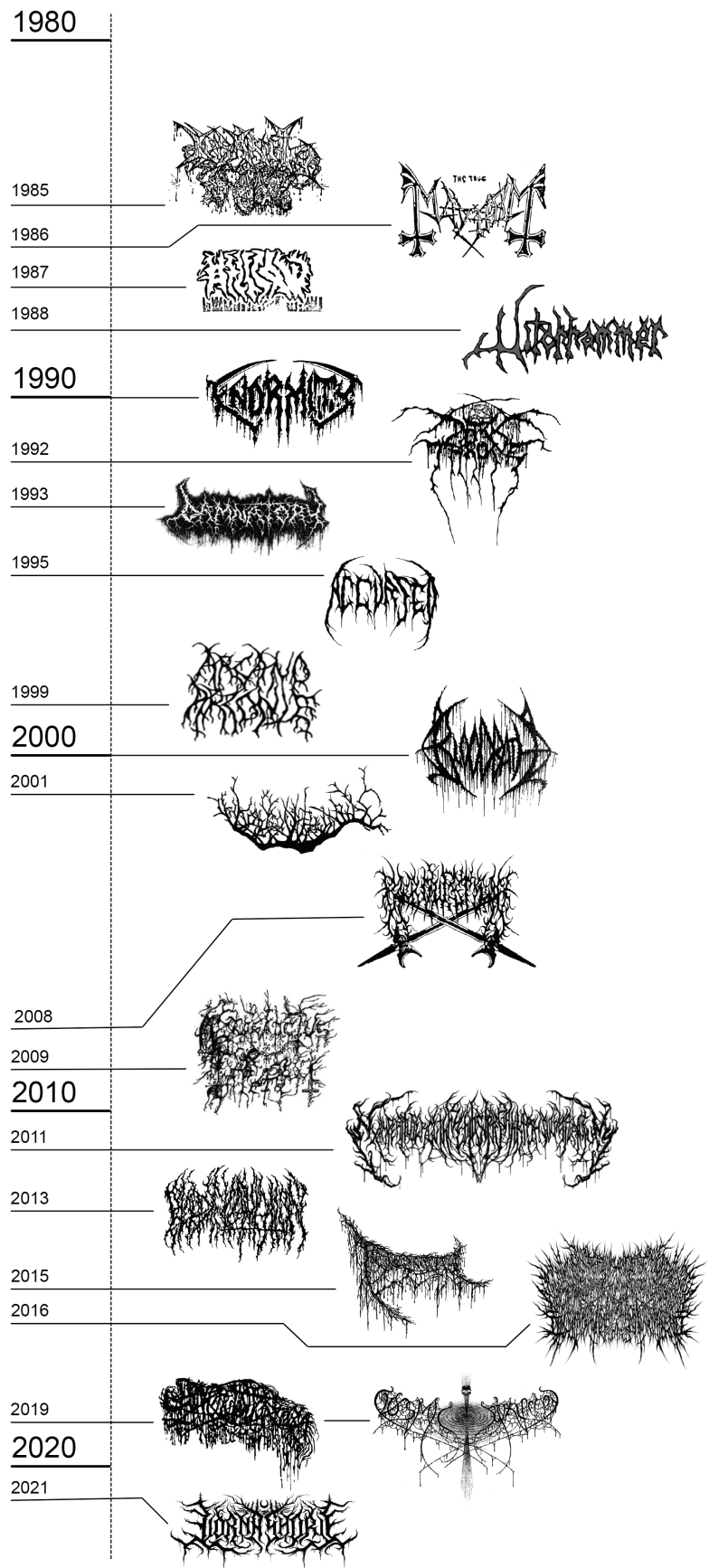


Figura 4: Progressão cronológica dos logotipos analisados. Fonte: elaborado pelos autores.

A contabilização dos atributos permite observar diferenças de incidência entre as categorias analisadas. Entre os 20 logotipos, as arestas pontiagudas ou espinhos aparecem em 19 exemplares, constituindo a característica mais recorrente do corpus. O enraizamento foi identificado em 14 casos, seguido pelo alongamento das extremidades, presente em 11. O espelhamento ou simetria e o gotejamento ou viscosidade aparecem em 10 logotipos cada, enquanto símbolos ou ilustrações foram encontrados em sete e o contorno em cinco exemplares.

Esses resultados demonstram que a baixa legibilidade não depende de um único recurso formal. Ela é construída pela combinação de diferentes atributos, cuja incidência varia entre os exemplares. A presença de arestas pontiagudas em quase todo o corpus indica que as terminações agudas constituem um componente particularmente recorrente desse repertório. Já as demais categorias participam de combinações variadas, produzindo configurações distintas dentro de uma linguagem visual compartilhada.

A variação observada reforça que a consolidação da ilegibilidade não implica uniformidade. Os logotipos compartilham determinados atributos, mas os articulam em intensidades e combinações diferentes. Nesse sentido, o consenso visual interno não corresponde à repetição de um modelo único, mas ao reconhecimento de um campo de possibilidades formais associado ao metal extremo.

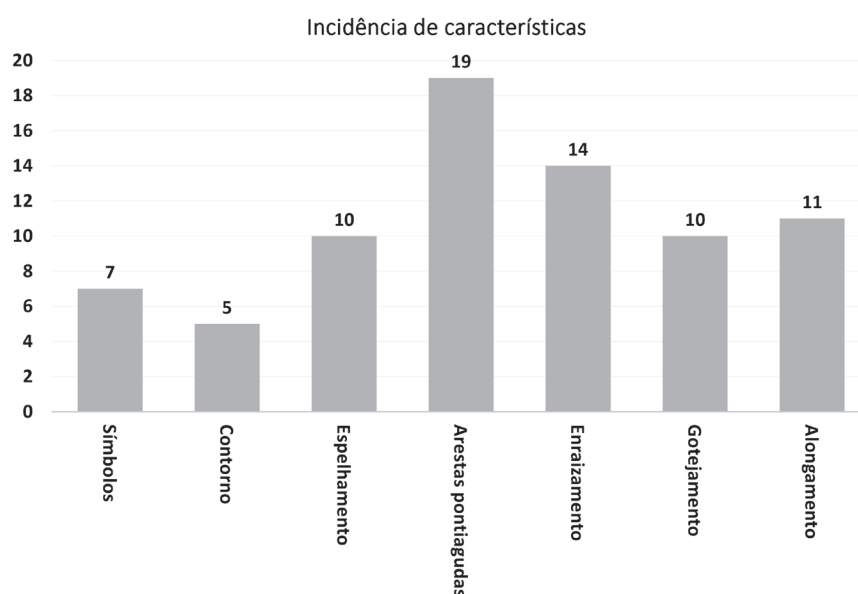


Figura 5: Gráfico de incidência de características. Fonte: elaborado pelos autores.

A leitura da **Figura 5** permite observar que determinadas características se destacam com maior incidência, especialmente aquelas relacionadas à deformação estrutural das formas do letreiramento, como o alongamento, o enraizamento e a presença de arestas pontiagudas. Esse predomínio indica que a construção da baixa legibilidade não ocorre de maneira aleatória, mas por meio da recorrência de estratégias formais específicas que, combinadas em diferentes intensidades, configuram um repertório visual reconhecível dentro do gênero. Ao mesmo tempo, a variação na frequência desses elementos reforça a ideia de que não há um modelo único de construção, mas sim um campo de possibilidades que opera dentro de um regime estético compartilhado, no qual repetição e diferenciação coexistem como mecanismos fundamentais de produção de identidade.

6. Considerações finais

Este estudo identificou características formais recorrentes em 20 logotipos ilegíveis de bandas de heavy metal e discutiu de que modo essas recorrências podem indicar a consolidação de uma linguagem visual de identificação subcultural. Entre os atributos analisados, destacaram-se as arestas pontiagudas, presentes em 19 exemplares, o enraizamento, identificado em 14, e o alongamento das extremidades, observado em 11 casos. Esses resultados mostram que a baixa legibilidade é construída por recursos formais recorrentes, mas articulados de maneiras variadas.

A análise indica que a ilegibilidade não corresponde à reprodução de uma única fórmula gráfica. Embora os logotipos compartilhem determinados atributos, eles apresentam combinações, intensidades e configurações distintas. Nesse sentido, a cristalização pode ser compreendida não como uniformização, mas como consolidação de um repertório visual compartilhado, suficientemente estável para produzir reconhecimento e suficientemente flexível para permitir diferenciação entre bandas e subgêneros.

À luz dos conceitos de consenso e dissenso, a baixa legibilidade pode ser interpretada como um afastamento das convenções que privilegiam a identificação textual imediata. Entretanto, quando essas soluções passam a ser reiteradas e reconhecidas no interior da subcultura, também integram um consenso visual interno. Os resultados não permitem afirmar que cada novo logotipo ilegível produza um novo dissenso, mas indicam que essas configurações preservam a referência a uma ruptura anterior enquanto operam como códigos de identificação.

A principal contribuição do estudo está na sistematização de sete atributos formais aplicáveis à análise de logotipos de baixa legibilidade: símbolos ou ilustrações, contorno, espelhamento ou simetria, arestas pontiagudas ou espinhos, enraizamento, gotejamento ou viscosidade e alongamento das extremidades. Essa sistematização oferece um instrumento inicial para observar como diferentes recursos participam da construção da ilegibilidade no heavy metal.

Como limitações, destacam-se o caráter intencional da amostra, o número reduzido de exemplares e a ausência de investigação sobre os processos de criação e de recepção desses logotipos. Estudos futuros podem ampliar o corpus, comparar subgêneros e períodos específicos e incluir a percepção de designers, músicos e públicos vinculados ao heavy metal.

Referências

ALEXANDRE, Marco Rafael da Silva. **The logo in the Heavy Metal culture: Understanding and registration of existing codes and visual patterns**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Artes e Design, Leiria, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.8/2449>. Acesso em: 19 maio 2025.

ENCYCLOPAEDIA METALLUM. **Encyclopaedia Metallum: the metal archives**. In: Encyclopaedia Metallum: The Metal Archives. [s. l.], 2002. Disponível em: <https://www.metal-archives.com/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

FARIAS, Priscila L. Notas para uma normatização da nomenclatura tipográfica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 6., 2004, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004. p. 386-392.

HIGHT, P. H. **Metal graffiti letters**. Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/5840674510864500/>. Acesso em: 30 set. 2025.

LUPTON, Ellen. **Thinking with type: a critical guide for designers, writers, editors & students**. 2. ed. New York: Princeton Architectural Press, 2010.

METAL CENTRE. **Bay Area Death Fest 2** — July 10 & 11, 2015. Metal Centre, 2015. Disponível em: <https://www.metalcentre.com/2015/05/bay-area-death-fest-2-july-10-11-2015/>. Acesso em: 30 set. 2025.

PALACIOS, A. **The aesthetic of the unreadable: The impact of logotype readability on the corporate identity of death metal bands**. Metal Music Studies, v. 10, n. 3, p. 233—248, 1 set. 2024.

RAMPTON, Mike. **From Mayhem to Metallica: Inside the world of extreme metal logos**. Kerrang!, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.kerrang.com/inside-the-world-of-extreme-metal-logos>. Acesso em: 20 abr. 2026.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **Dissensus: on politics and aesthetics**. Edited and translated by Steven Corcoran. London: Continuum, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

RIJKEN, G. J. *et al.* **Illegible semantics: exploring the design space of metal logos**. arXiv (Cornell University), 1 jan. 2021.

STINSON, Liz. **The beauty and total illegibility of extreme metal logos**. Wired, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.wired.com/2015/10/the-beauty-and-total-illegibility-of-extreme-metal-logos/>. Acesso em: 20 abr. 2026.

STRUNCK, Gilberto. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2007.

TRACY, Walter. **Letters of credit: a view of type design**. London: Gordon Fraser, 1986.

WEINSTEIN, D. **Heavy Metal**: the music and its culture. Revised edition. Boston: Da Capo, 2000.

WILLEN, B.; STRALS, N. **Lettering & type**: creating letters & designing typefaces. 1. ed. New York: Princeton Architectural Press, 2009.